

## Qual « 8 de Março »?

Inevitavelmente, cada 8 de Março, surgem as interrogações: Dia Internacional da Mulher? ou 'das Mulheres'? A que propósito? (Afinal, já há o Dia da Mãe – e o do Pai, ambos mais 'modernos'; mas não há nenhum Dia do Homem ... Observação pertinente aliás, que nos poderia levar logo a outra interrogação: porque será que tão raramente a ausência de mulheres – em comemorações, lugares, cargos... – é alvo de tão pressurosa preocupação 'igualitária'?) Quem não arrumou logo o assunto devido ao seu evidente despropósito, poderá ainda continuar a perguntar(-se): Mas porquê associar mulheres e 8 de Março? Qual 8 de Março e quais mulheres? Comemora-se algum acontecimento? Qual? E desde quando? Quando procuramos resposta a estas últimas perguntas, começam as dificuldades.

**O acontecimento:** Há quem fale num incêndio de uma fábrica têxtil na América em que mais de cem operárias morreram queimadas porque o patrão as fechou lá dentro. Teria sido em Nova Iorque. Ou em Detroit. Em 1908. Não, foi em 1857. As operárias estavam em greve com ocupação das instalações e o patrão pegou fogo às instalações. Não estavam em greve. O patrão não pegou fogo, foi um acidente (a fábrica era nos 8º, 9º e 10º pisos e sim, era costume fechar as operárias à chave durante o dia). Não houve incêndio nenhum a 8 de Março de 1908. Mas houve uma manifestação de operárias pela jornada de trabalho de 10 horas e a polícia carregou e fez inúmeras vítimas. Mas não há registo de manifestação nenhuma nessa data. Daí que o jornal *El Mundo*, a 8 de Março de 1996, exibisse o título lapidar: «Aquel 8 de marzo...que nunca existió». Que coisa estranha (de mulheres?). Sobretudo quando verificamos que estas histórias do 8 de Março não são totalmente fabricadas – todas se reportam a acontecimentos que efectivamente tiveram lugar nos EUA, embora não a 8 de Março e não antes de 1909: a greve geral do sector têxtil conhecida por *O Levantamento das Vinte Mil* (The Uprising of the Twenty Thousand), que durou treze semanas e foi a primeira grande greve envolvendo apenas mulheres operárias, e que se iniciou a 27 de Setembro de 1909; o incêndio de *The Triangle Shirtwaist Company*, no Lower East Side em Nova Iorque, em que morreram 146 operárias têxteis, na maioria jovens emigrantes, e que teve lugar a 25 de Março de 1911; e a grande manifestação de protesto organizada pelos sindicatos têxteis femininos e pela Liga pelo Sufrágio Igual que se realizou seis dias depois. Quer isto dizer que, embora estes acontecimentos sejam marcos importantes da história laboral e da luta sindical das mulheres e caracterizem o contexto em que surgiram os 'dias das mulheres', não foram eles que directamente estiveram na sua origem. Porque lhe são posteriores.

**Dia da(s) Mulher(es):** A 23 de Fevereiro de 1909 foi celebrado em Nova Iorque, pela primeira vez de forma oficial, e por iniciativa do Comité Nacional da Mulher do Partido Socialista dos EUA, o «Dia Nacional da Mulher», jornada anual de luta pelo sufrágio feminino. No ano seguinte, o II Congresso Internacional das Mulheres Socialistas (Copenhaga, Agosto de 1910) aprovará por unanimidade a proposta, que teve como primeira subscritora Clara Zetkin, de criação de um Dia Internacional das Mulheres (DIM), cujo objectivo principal seria a promoção do direito ao voto das mulheres. O DIM viria a ser celebrado na Europa, pela primeira vez, a 19 de Março de 1911. Estes 'dias', não tendo sido determinados directamente por um acontecimento isolado, surgem na confluência de várias correntes de luta social e política. O seu modelo foi o 1º de Maio, celebrado pela primeira vez para homenagear os trabalhadores em 1886, nos Estados Unidos, no momento em que estava no auge a luta pela jornada de trabalho de 8 horas, e cujo êxito levaria a que o 1º Congresso da II Internacional viesse a consagrar a data, em 1889, como o feriado internacional dos trabalhadores. A participação das mulheres nas primeiras comemorações do 1º de Maio não foi bem-vinda e foi escassa, apesar de a sua jornada de trabalho ser mais longa e o seu salário inferior (para as proteger de confrontos violentos com a polícia, por certo, mas sobretudo devido à organização sexualmente segregada dos sindicatos – sindicatos de trabalhadores e sindicatos de trabalhadoras –, às direcções exclusivamente masculinas e à cultura pouco igualitária do mundo sindical e das organizações políticas em que se apoiava). Os Dias da(s) Mulher(es) vão surgir, num contexto de aguda luta laboral, também como resposta das mulheres socialistas dos EUA e da Alemanha aos movimentos sufragistas das classes médias e à questão das 'alianças de classe' tanto na luta pelo direito ao voto e como na defesa das mulheres trabalhadoras. A situação quanto ao sufrágio era diferente nos EUA e na Europa. Na América, o sufrágio masculino era já, constitucionalmente, universal; daí que as estratégias gradualistas ou que implicassem limitações à capacidade eleitoral de todas as mulheres não recolhessem qualquer apoio no movimento sufragista, o que lhe permitia recrutar para as suas fileiras cada vez mais mulheres operárias, colocando a questão da liderança das suas lutas e da articulação das questões 'feministas' com as questões 'de classe'. O «Dia Nacional da Mulher» será assim celebrado entre 1908 e 1914 em jornadas de luta, paradas e comícios juntando socialistas, mulheres operárias e da classe média, que se identificam como feministas mas que se demarcam de um 'sufragismo' que se limite a reclamar o voto e não exija uma transformação radical das condições de vida das mulheres. Na Europa, onde a capacidade eleitoral dos homens era em muitos países objecto de restrições (condicionada pelo rendimento colectável, por ex.), as estratégias dominantes nos movimentos sufragistas 'burgueses' eram gradualistas, defendendo o sufrágio limitado numa primeira fase; neste contexto, as mulheres socialistas irão forçar o movimento socialista a exigir o sufrágio universal para

homens e mulheres (resolução sobre o sufrágio feminino no 7º Congresso da II Internacional, 1907), e instituir um Dia Internacional das Mulheres com o objectivo de promover o direito universal ao voto, uma reivindicação que, nos termos da resolução aprovada, “deverá ser articulada com toda a questão das mulheres seguindo os princípios socialistas”. As principais diferenças em relação à jornada americana serão o carácter internacional do evento (acentuado na mudança do nome – o *Dia da Mulher* passa a *Dia das Mulheres*, sujeito plural e humano, longe dos ‘essencialismos’ de ‘a Mulher’) e a clara liderança das mulheres integradas no movimento socialista internacional. No primeiro DIM, em 1911, mas de um milhão de mulheres e homens participaram em comícios em vários países da Europa.

**Fixação da data:** Até à I Grande Guerra, o DIM celebrou-se em diferentes datas – nos EUA, o DIM celebrava-se no último domingo de Fevereiro; na Europa celebrou-se em diferentes dias nos vários países (entre Fevereiro e Maio). Na Rússia, celebrou-se pela primeira vez em 1913, no último domingo de Fevereiro – dia 23 no calendário juliano, o que corresponde a 8 de Março no calendário gregoriano. Em 1917, o processo revolucionário que culminará na Revolução de Outubro é posto em marcha pelo motim das mulheres de Petrogrado – em greve pelo pão e pela paz – que tem lugar novamente num 23 de Fevereiro, data que marcará o início da Revolução de Fevereiro. Este acontecimento viria a ser determinante na fixação da data de 8 de Março como Dia Internacional das Mulheres, decisão que seria tomada no Congresso Internacional das Mulheres Comunistas em 1921. A partir de então, e até à 2ª Guerra Mundial, as jornadas do DIM, por todo o mundo, teriam um carácter de festa claramente política e reivindicativa. Em 1945, no comício de Londres do DIM, em que participou Eleanor Roosevelt, foi elaborada uma carta de direitos das mulheres a ser apresentada na reunião em que os países fundadores iriam redigir a Carta das Nações Unidas – a Carta da ONU, assinada em 1945 será o primeiro acordo internacional a proclamar a igualdade dos sexos como direito humano fundamental. Em 1977 a resolução 32/142 da Assembleia Geral da ONU instará os estados membros a proclamar um dia do ano como dia da ONU pelos direitos das mulheres e pela paz mundial.

**As lendas e a história:** Exceptuando os períodos das duas Guerras Mundiais, em que grande parte das celebrações do DIM foi suspensa devido à guerra, o DIM manteve, com diferentes acentuações consoante os momentos históricos, as marcas da sua origem – uma jornada igualitária, de luta feminista (pela igualdade de direitos entre mulheres e homens) e de luta política contra a exploração e as desigualdades sociais, de luta pela construção de um mundo diferente. É o incómodo político destas marcas que explica que, conforme os sectores e os tempos, se tenha procurado apagar o seu carácter de luta, seja quanto à sua ligação aos movimentos sufragistas e feministas, seja quanto à sua ligação a ideais

socialistas ou comunistas (diluindo-a numa luta geral pela paz no mundo, reduzindo-a à homenagem às vítimas da exploração laboral num tempo já passado, ou confundindo-a com a celebração da mulher-mãe ou de um supostamente eterno 'feminino'). É sintoma desse incómodo, por exemplo, que só a partir de 1997 a página da ONU sobre o DIM faça referência ao 8 de Março de 1917. É por esse incómodo que se continuam a invocar os tais «8 de Março que nunca existiram». Ou a tentar transformar o Dia Internacional das Mulheres num 'Dia da Mulher', espécie de dois-em-um consumista – Dia da Mãe-das Namoradas. A história da resistência aos sentidos do 8 de Março é muito possivelmente ainda mais instrutiva do que a história do seu significado. Ficará para outra vez.

Pela minha parte, continuo, cada 8 de Março, a parar para pensar nesta(s) história(s), e a pensar nela(s) para agir melhor. Se não defendermos, em cada dia, os sonhos e os direitos que as nossas mães conquistaram, ninguém o fará por nós. Um sonho que se perde deixa-nos mais pobres. Um direito que se não exerce é um direito que morre. Uma liberdade cujo preço esquecemos é uma liberdade em perigo. Como, neste ano de 2004, todos nós, homens e mulheres, tão bem deveríamos saber.

Coimbra, Março de 2004  
Graça Abranches

KOLLONTAI, Alexandra, *International Women's Day* [1920], trans. Alix Holt, Highland Park, Sun Press, 1975

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez, *Los orígenes y la celebración del Día Internacional de la Mujer, 1910-1945*, Oviedo, KRK ediciones, 1999

SKLAR, Kathryn Kish & Lauren KRYZAK (org.), *How did International Women's Day Begin?*, a project. State University of New York at Binghamton, Dec. 2000, in <http://womanhist.binghamton.edu/iwd/>

UNITED NATIONS, «International Women's Day», DPI/1878, January 1997, in <http://www.un.org/ecosocdev/geninfo/women/womday97.htm>